

# Terreiro só vai baixar santo se pagar "royalties"

Os pais-de-santo de Pernambuco, ainda não tomaram consciência da seriedade do registro dos nomes umbanda e quimbanda pelo babalorixá Uruguaio, Armando Austerberto Ay Ala Grabino. Surpresos, e revoltados, os que praticam os cultos afro-brasileiros em nosso Estado, não perceberam que a partir de agora pagarão «royalties» para utilizar os nomes registrados internacionalmente.

No Rio Grande do Sul, A União de Umbanda já enviou seus protestos via Itamaraty ao Governo uruguaio. Até já solicitaram, juntamente com o Conselho da Religião Afro-Brasileira (Afrobrás) e Revista Umbanda em Marcha do Uruguai, uma medida na justiça uruguaia que cancele o registro. Armando Grabino garante que não queria causar polêmica ou confusão,

apenas fabricar sabonetes e defumadores com os nomes que registrou como seus.

Apesar de ainda não organizados, em Pernambuco, os pais-de-santo, mestres ou babalorixás se mostraram indignados com a medida. Umbanda é o nome do culto que se caracteriza pelo uso de cor branca, perfumes, doces, preto velho e caboclos. A quimbanda usa o negro e o vermelho, e cultua a pomba gira e exu. Tudo isso agora de certa forma, pertence ao uruguaio.

«Ele não pode registrar uma coisa que já existia muito antes dele nascer» — protesta pai Dodê, pai-de-santo que está na religião há 52 anos. E disse mais: «Ninguém tem que pagar nada». Mas ele não tem nenhuma forma de manifestação contrária organizada.

# Cultos afro-brasileiros

Os negros africanos trazidos para o Brasil são basicamente sudaneses e bantos. Os sudaneses, mais adiantados, eram chamados nagôs e falavam um dialeto que tinha esse nome (que também deu origem ao culto nagô). Essa religião é hoje cultuada nos candomblés. Suas principais divindades são Iemanjá, Xangô, Ogun, Oxosa, Exu e Iansã.

Os negros bantos dispersaram-se mais na área agrícola açucareira e cafeeira. Não tinham uma mitologia tão forte como os nagôs, mas deixaram vestígios como a calunga (que

se incorporou ao maracatu) ou Nganga Zambi (que virou ganga zumba).

Muito misturados, os cultos afro-brasileiros difundiram-se pelo País. Hoje, é difícil se distinguir um centro ou terreiro que apresente as formas e divindades originais. Por isso, todos sofreriam, de alguma forma, com o registro dos nomes de umbanda e quimbanda. Como o culto se espalhou pela América Latina (no Uruguai, já há 5000 terreiros), tudo indica que o babalorixá Armando Grabino tem tudo para ganhar muito dinheiro.



## Folclorê vai ser exibido nos bairros

Cirandas, maracatus, emboladores, entre outros tipos de manifestações folclóricas, serão apresentadas a partir do dia 19 nos diversos bairros recifenses, dentro das comemorações da Semana do Folclore. A iniciativa partiu da Fundarpe juntamente com o Serviço Social Agamenon Magalhães, visando reviver as tradições e a cultura popular nordestina.

Estas apresentações fazem parte do Projeto Arte da Gente, elaborado pelos dois órgãos, definindo a partir de agora, uma nova política em defesa da cultura regional, preservando suas características populares, além do estímulo à criação dos artistas. O resultado deste trabalho será mostrado na próxima semana, nas diversas comunidades por onde os grupos folclóricos se apresentarão.

### PROGRAMA

As apresentações serão realizadas, sempre, nos Centros Sociais Urbanos dos diversos bairros, às 20h, e no dia 19 a comunidade de Areias verá o grupo Maluquinhos do Forró; os moradores do Monteiro apreciarão o Pastoril Estrela Dalva e o Córrego do Euclides receberá os emboladores Passarinho do Norte e Pinto.



Valdir Afonjá: "Negra Magia" é um disco para relaxar o corpo e fazer as axilas suarem

## Valdir Afonjá mostra em disco a força de sua "Negra Magia"

Vai ser uma noite em que o som forte da mãe África será a estrela principal. Não a música pseudo-afro "From" Bahia, feita sucesso por essa nova leva de cantores denominados "Novíssimos Baianos", mas sim, o som marginal de Valdir Afonjá e que ele fez questão de realçar nesse seu primeiro disco "Negra Magia". É esta magia de cor que o cantor/compositor promete na noite do lançamento do elepê, que acontecerá no próximo dia 20, no Clube Atlântico de Olinda, a partir das 21h. A estreante Coringa Produções Artísticas (produtora fundada recentemente por Fábio Lima, Regi Natureza e pelo próprio Valdir) assina a produção.

A produção musical de "Negra Magia" foi feita por Flávio Queiroga e a Banda Rebento - conjunto que acompanha Valdir-utilizou o estúdio Somax para gravar. Sendo como disco independente, este primeiro trabalho de Valdir Afonjá no vinil é considerado eclético e romântico pelo próprio artista, cujas músicas são variadas, mas seguem uma mesma linha.

Rebento

Uma das principais responsáveis

pela qualidade de som desse disco é a banda que toca com Valdir. Composto por músicos experientes e muito conhecidos no cenário musical local, o grupo dá mais elasticidade ao som produzido por Valdir e executa com competência todas as Salsas, os reggae, os sambas e os funks existentes ao longo de todas as faixas de "Negra Magia". "Iereci" é um exemplo dessa fusão de ritmos, onde do aponinje (ritmo do candomblé) a Rebento passa para o Calipso sem se perder ou fazer "salada".

Em "Black Soul" o reggae se funde com o funk, criando um ritmo totalmente negro - o reggae é oriundo da Jamaica e o funk é da terra do Tio Sam - que combina ou serve de pano de fundo para a ácida letra escrita por Valdir, onde ele critica a discriminação racial, principalmente a que sofreu em São Paulo. Já em "Salsa" ele faz uma homenagem a esse ritmo utilizando para isso um merengue. E para "romantizar" o disco, Valdir encaixa duas baladas - uma em homenagem a sua filha - que ninguém é de ferro! E é assim que o cantor define sua obra: "Apesar do contexto político "Negra Magia" é

um disco para relaxar o corpo e fazer as axilas suarem".

Produtora

Tendo como primeiro projeto o lançamento do disco de Valdir Afonjá, a Coringa Produções Artísticas entra com novas idéias e muito gás na vida empresarial nordestina. Apesar de aberta a outros artistas, o principal objetivo da produtora é veicular os trabalhos dos próprios produtores que também são artistas. "A nossa idéia, a que fez a gente partir para um projeto desse tipo, foi a necessidade de produtores para nós mesmos, porque os produtores do Recife preferem os músicos que já têm nome", reclama Fábio Lima, fundador da Coringa. E continua: "Tem muita gente boa cantando por aí, mas não faz sucesso porque não tem quem a produza".

Embora quase engatinhando, a Coringa tem vários projetos em pauta, entre eles, o "Rebento" de música alternativa para parques. Nele, o show acontece e logo após são abertas as discussões com o público. "O público precisa aprender a questionar seus artistas", incentiva Valdir.



## Folclore não é comemorado no Recife

O interesse pelo folclore pernambucano já não é mais o mesmo. Apesar de a Fundação Joaquim Nabuco ter iniciado ontem as comemorações da Semana do Folclore com mesa-redonda para debater o tema com alunos de diversas escolas da rede estadual de ensino, o Recife viverá estes dias quase sem nenhum festejo. Apenas os frequentadores do Pátio de São Pedro e os que forem ao Centro de Atividades do Serviço Social do Comércio — Sesc desfrutarão dos poucos programas organizados pela Fundação de Cultura Cidade do Recife — FCCR e pela Empresa de Turismo de Pernambuco — Empetur.

O que acontece agora é que, ao contrário do Carnaval e São João, a ordem na Fundação de Cultura é não gastar e todas as programações organizadas pelo órgão devem contar unicamente com os poucos cruzados arrecadados pela FCCR através do aluguel de algumas casas no Pátio de São Pedro e da renda dos teatros e feirinhas típicas, como as de Boa Viagem e do Dérbi. Este ano, para que as comemorações da Semana do Folclore saíssem foi necessário que os grupos interessados em participar se dispusessem a fazê-lo gratuitamente. "Reconhecemos que a programação está muito fraca, mas nada podemos fazer sem recursos", diz Claudemir Gaspar, do setor de animação cultural da Fundação.

### PÁTIO

Diferente dos anos anteriores, quando a Semana do Folclore era festejada com bumba-meu-boi, maracatus e caboclinhos, nos diversos bairros do Recife, o tradicional Pátio de São Pedro receberá, amanhã, a partir das 20h, apenas o Balé de Cultura. No sábado se apresentará a ciranda Rosa Amarela e na segunda-feira, Dia do Folclore, o Pastoril Infantil Aurora, a Banda da Cidade do Recife e o grupo de dança Arte-Brasil.

Hoje e amanhã, no Sesc do Cais de Santa Rita grupos de danças típicas farão, às 20h, única apresentação e no Sesc de Santo Amaro haverá exibição de filmes sobre o "Folclore Nordestino" e mostra de teatro de bonecos.

### CRIANÇAS

As crianças poderão participar da programação organizada pela Fundação Joaquim Nabuco. Desde ontem até sexta-feira no Centro de Atividades Criadoras do Museu do Homem do Nordeste, em Casa Forte, a garotada poderá fazer parte do "Ciclo da Angústia", que consiste na análise do papel dos personagens folclóricos como saci-pererê, o boi da cara preta, a mula sem cabeça, entre outros, na vida das crianças. A educadora Silva Brasileiro fará comentários sobre o assunto, enquanto no Auditório Benício Dias, também no Museu, estará acontecendo mesa-redonda com alunos do 1º e 2º graus das escolas estaduais sobre o assunto "Folclore Nordestino".

## Data do Folclore será comemorada

O Dia do Folclore, 22 de agosto, será comemorado de hoje até segunda-feira pela Fundação de Cultura do Recife, com uma movimentada programação no Pátio de São Pedro. O programa inclui desde ciranda e pastoril até apresentação de grupos de forró e da Banda Cidade do Recife, que executará desde a música erudita até o folclore, passando pelo samba e o tradicional frevo pernambucano.

A ciranda, dança de origem portuguesa, em que homens e mulheres se dão as mãos e numa grande roda agitam movimentos imitando as ondas do mar ao som de clarim e instrumentos de percussão, ficou famosa no Recife, atraindo a cada dia maior número de apoloístas, turistas domésticos e do Interior. Hoje, às 20h,

quem só ouviu falar terá a oportunidade de assistir e se não resistir, o que é muito provável, dançar a Ciranda Rosa Amarela, uma das melhores do Recife, Olinda e Ilamaracá, ao lado da de Dona Duda, do Janga.

Para a quarta-feira, a Fundação de Cultura reserva aos recifenses um programa diferente. Às 21h, a Orquestra Sinfônica do Recife, sob a regência do maestro Eleazar de Carvalho, fará seu concerto oficial do mês. Três obras integram o programa: uma variação do próprio Eleazar sobre um Quinteto de Cordas de Omar Fontana, Andante e Polonaise, de Chopin, tendo como solista a paulista Sônia Muntz e a Sexta Sinfonia de Tchaikovsky, que encerra o programa imperdível para os aficcionados da música clássica.



## Semana do Folclore

A Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes da Prefeitura Municipal do Jaboatão-Intervenção Estadual promoverá no período de 22 a 27 deste mês, em três distritos do município vizinho, a 1ª Semana de Folclore do Jaboatão.

O evento contará com várias atrações folclóricas, feirinha de artesanato, comidas e bebidas típicas, artes plásticas e será realizado nos dias 22 e 23, em Jaboatão-Sede (na Praça Nossa Senhora do Rosário), dias 24 e 25, em Cavaleiro (Praça Murilo Braga) e nos dois últimos dias, em Prazeres, na Rua Santo Elias.

.....A Banda Municipal Padre Cromácio Leão abrirá diariamente o evento, que contará com apresentação de diversos grupos representativos do folclore do Jaboatão (prioridade) e dos municípios vizinhos, como: a Tribo Canjê de Cavaleiro, o Boi Misterioso, a Ciranda Brasileira do Bolinha, o Coco-de-Roda Chã de Estrela, o Mamulengo do Professor Benedito, o Maracatu de Baque Virado Estrela Brilhante, Reisado Imperial, o Maracatu Rural Piaba de Ouro, o Pastoril do Velho Dengoso, o Pastoril Infante-Juvenil Estrela Brilhante, a Ciranda Dengosa, os repentistas Sinézio Pereira, Beija-Flor e Oliveira, e Mocinha de Passira, o grupo novo Boi Ensinando com o Boi Pintando (proposta didático-teatral) e o Coco do Bolinha.

A locução do evento ficará por conta do radialista Genildo Silva, programação visual de Cecília Montenegro, trabalhos de som de Gogóia, fotos de Inaldo Vila Nova.



## Valdi Afonjá lança seu LP Negra Magia

A Curinga Produções Artísticas, fundada, este ano, por três jovens artistas - Valdi Afonjá, Regi Natureza e Fábio Lima - surge oficialmente, no mercado artístico local, com o seu primeiro produto: o LP "Negra Magia", de Valdi Afonjá, etiqueta Colibri, independente, fabricado e distribuído pela Continental, cujo lançamento terá lugar, neste sábado, às 22h, no Clube Atlântico, em Olinda, em grandiosa festa dançante.

"Negra Magia" será uma festa-show que servirá de marco para um empreendimento novo no movimento artístico local. Gente jovem buscando garantir o próprio espaço no mercado de trabalho, querendo experimentar alternativas de consumo e bancando o produto do seu próprio talento musical. "Uma necessidade de abertura de campo de investimento para os jovens, não de forma individualizada mas coletiva, bem produzida, que seria totalmente impossível de ser feita só por uma pessoa, mas que passa a ser um empreendimento real através da Curinga Produções Artísticas", diz Fábio Lima.

### PRIMEIRO PRODUTO

No início, Valdi Afonjá, Regi Natureza e Fábio Lima pensavam em formar uma associação de compositores e intérpretes, mas não deu certo. Os ca-

minhos que pretendiam seguir para alcançar objetivos não afinavam com os das outras pessoas. Os três, porém, tinham idéias bem parecidas, ideais comuns e propósitos bem identificados com uma postura menos amadora e mais profissional, daí porque perceberam que estavam na hora de juntar esforços e criar uma empresa para cuidar de realizar os seus planos de trabalho.

No início foi difícil. O dinheiro para cuidar da papelada, registro em cartório, teve que sair do bolso dos três artistas. Regi Natureza dava aulas de musicalização, Valdi Afonjá trabalha na comunidade de Mustardinha e Fábio Lima com serigrafias. Finalmente, a renda deu para formalizar a Curinga Produções Artísticas como pessoa jurídica. Depois, vinha o segundo desafio: produções do primeiro disco, o de Valdi Afonjá. Outra batalha vencida graças aos trabalhos dos três, com o apoio de muita gente, desde a mãe de Valdi, D. Inalda, até o pessoal do Núcleo de Cultura Popular da Mustardinha, Movimento Negro Unificado, enfim, muita gente colaborando, com dinheiro ou com trabalho.

Assim nasceu o primeiro produto, Negra Magia, LP com dez músicas, de Valdi Afonjá, algumas em parceria com Marron (Requebrando), Rogério Re-



O artista fará o show, hoje, no Clube Atlântico, em Olinda

sente (Salsa), Bria (Sensível ser), Marcos Souza (Pintou assim) e Dinho Andrade (Fera mansa). Na música "Yereci", uma participação especial de Lula Queiroga, que fez questão de entrar no disco, tão entusiasmado ficou com o trabalho.

### A FESTA

Finalmente, **Negra Magia**, de Valdi Afonjá, vai ganhar o mundo. Será lançado, festivamente, neste sábado, no Clube Atlântico, por ocasião de um show do próprio Valdi Afonjá, às 24h, com a participação do percussionista Múcio Queiroz, do Afoxé Alafin Dió, de Olinda, e da Banda Re-

bento formada por Wallace Patriarca (bateria), Bria (guitarra), Marcos Souza (teclado), Marron (sax), e Isaias (contrabaixo). Será uma festa dançante, cheia de sucessos caribenhos, reggaes, meregues e salsas, com início marcado para 22 horas e sem tempo para terminar.

Os ingressos podem ser adquiridos na bilheteria do Clube Atlântico, mas quem quiser aproveitar os preços promocionais de Cr\$ 1.200,00 com direito a um disco de Valdi Afonjá, poderá fazer reservas, com antecedência, pelos telefones 222.1223 (com Luiz Gonzaga) e 222.3936 (com Daniel eIVALDO).



# Musicólogo realça a presença do negro na música brasileira

Quem esperava uma conferência menos catedrática e mais vibrante do embaixador e musicólogo Vasco Mariz, que discorreu sobre **A Presença do Negro na Música Brasileira**, no Seminário de Tropicologia da Fundaj, terça-feira passada, errou em cheio na sua suposição apressada. Num tom formal, típico de diplomata, Mariz percorreu a História desde os tempos do colonialismo português aos dias de hoje, dando exemplos de compositores pardos (como eram chamados naquele tempo) e de compositores brancos eruditos e populares que utilizaram elementos aïros nas suas composições.

Membro da Academia Brasileira de Música, presidente da Câmara de Artes do Conselho Federal de Cultura e colaborador permanente do jornal O Estado de S. Paulo, o musicólogo lembrou logo de início a importância da contribuição negra à formação da civilização brasileira. Ressaltou, porém, que no campo da música tal contribuição não foi de maneira alguma preponderante. O conferencista também não deixou passar despercebida a sua percepção das peças musicais que se valem de ritmos provenientes da África.

O retrato musical do negro — disse ele — na nossa música clássica não é fiel: nossos compositores nos têm revelado, de preferência, apenas o aspecto exterior da alma negra. E este retrato superficial

peça por "mostrar um esboço selvagem, com traços por vezes bossais, num ballado sem fim. Poucos ensaios musicais temos de um negrismo depurado, mais interior, ou de um melancolismo menos pegajoso", disse o comedido musicólogo, autor de sete livros sobre a musicografia brasileira, dentre eles o que leva o título de **Heitor Villa-Lobos, Compositor Brasileiro**, publicado nos Estados Unidos, França, União Soviética, entre outros.

Ressalva feita, o conferencista seguiu lendo, pausadamente, as 16 laudas onde estavam registrados nomes de compositores e obras que se destacaram no decorrer do tempo. A sua longa lista, pontilhada de comentários seus e de outros estudiosos, é encabeçada por José Joaquim Emérico Lobo de Mesquita e padre José Maurício Nunes Garcia — que a seu ver não são geniais, mas dignos de respeito quando se leva em conta as adversidades enfrentadas por pessoas de cor no Século XVII. Ele cita Francisco Braga, Assis Republicanos e Osvaldo Cabral, e não esquece de incluir Villa-Lobos e Francisco Mignone. Estes, compositores brancos, "que se sentiram atraídos pelos ritmos e belas melodias afro-brasileiras".

Mignone, por sinal, é tido por Mariz como "aquele destinado a ser a figura mais eminentemente do ciclo orquestral ne-

gro", apesar de sua descendência ítálica e educação ítálico-francesa. Segundo o musicólogo, ele lateou o terreno com a **Congada**, composta em 1921, sucesso absoluto na Europa, e, quando da sua volta desse continente, já sob a influência de Mário de Andrade, consagrou-se ao estudo da música negra.

## O REVERSO DA MOEDA

Após a conferência de Mariz, entrou em cena o comentador do seminário, o sociólogo Sebastião Ville Nova. Nos minutos que lhe coube, Villa Nova questionou, baseado em trechos lidos pelo conferencista e em conclusões próprias, o verdadeiro resultado da contribuição do negro à nossa música. "Se, a nível do senso comum, parece fácil identificar e proclamar a presença negra na nossa música, a nível da investigação rigorosamente musicológica o problema comporta dificuldades de porte significativo, e o conferencista lembrou o fato de que vários musicólogos e folcloristas concordam que a contribuição africana não é tão grande na música, como a princípio se acreditava".

Tais investigações, segundo ele, nos conduziram às possíveis distorções ocorridas nas linguagens oriundas da África, provocadas pelos "critérios matemáticos, cartesianos, sobre os quais, a partir do Século XVI foi construída a

linguagem musical do Ocidente". A seu ver, portanto, restringe-se ao campo das idéias e sensações a compreensão de Vasco Mariz da presença do negro na música brasileira, quando disse que "é inevitável reconhecer que o africano deu uma doçura especial à nossa melodia, uma sensualidade sem par, um calor inimitável à nossa música em geral".

Outro ponto de discordância entre o comentador e o conferencista foi o fato deste último ter incluído a obra de José Joaquim Emérico Lobo de Mesquita e padre José Maurício Nunes Garcia como exemplos de contribuição do negro à música brasileira. Na sua opinião, a música de ambos pode perfeitamente ser classificada como europeia, ao contrário de afro-brasileira. "Se no entanto, mantém-se esse critério, será o caso de incluir-se o nome do pernambucano Luiz Álvares Pinto, extensamente estudado pelo padre Jaime Diniz", sugere. Ainda de acordo com suas conclusões, Villa Nova defendeu veementemente a inclusão do nome de Lourenço da Fonseca Barbosa, mais conhecido por Capiba, não só no que se refere às canções — "com os seus belíssimos maracatus **Vim Moenda, É de Tororó, Eh, Luanda, Nação Nagô**, por exemplo" — e à "música erudita de caráter afro-brasileiro para piano, com a sua suite **"Casa Grande & Senzala"**.

# Cambindas, um maracatu primitivo?

Roberto Benjamin

Pesqueira mantém viva uma velha tradição da cultura negra do Nordeste. No seu Carnaval e em ocasiões especiais sai às ruas a Cambinda Velha de Pesqueira, de "seu" Aprígio do Amaral:

Ah! ha, hail  
Cambinda...  
Ah! ha hail  
Cambinda...  
Onde é seu natural?  
Na casa número cinco  
Da rua Imperial...  
Ai Cambinda...  
Onde é seu natural?

O mestre vai gritando através da **corneta**, um megafone improvisado de folhas de flandres e o bloco respondendo. Cambindas são homens de várias idades, diversas profissões e de todas as cores – não apenas negros – que se trajam de baianas, vestidos brancos e usando chapéus femininos. À frente um porta-bandeira conduz o estandarte pequenino com o nome do grupo: Cambinda Velha, bordado sobre a figura de uma baiana. Além do mestre com sua **corneta** destaca-se a boneca de pano – Dona Cordulina – que merece o tratamento de princesa.

Dizia Câmara Cascudo que as cambindas foram formas primitivas de maracatus. Realmente diversos grupos de maracatus do Recife tiveram esta denominação – Cambinda Velha, Cambinda Nova, Cambinda Brilhante, Cambinda Estrela... até o Maracatu Elefante e o Maracatu Leão Coroadado já foram tratados como cambindas.

O folclorista Rodrigues de Carvalho no seu livro Cancioneiro do Norte registrou a existência das cambindas na Paraíba, como uma manifestação isolada, não relacionada com os maracatus. As Cambindas de Lucena e de Taperoá, foram documentadas em estudo que realizamos, com a

participação de Osvaldo Trigueiro. Posteriormente, tivemos a ocasião de realizar observações das Cambinda Velha de Pesqueira, da Cambinda de Triunfo e da Cambinda de Ribeirão. A Cambinda de São Bento do Una continua viva também. Há notícias de que em outras cidades do Agreste e do Sertão teriam existido grupos semelhantes. É provável até que ainda existam e não tenham nem ao menos sido registrados.

A palavra Cambinda é uma forma nasalada de Cabinda, região da África, ao norte do rio Congo, que hoje integra o território da República de Angola. No Brasil eram chamados de cambindas os negros procedentes daquele local, tanto os naturais da região, como os do interior, ali embarcados. Os escravos cambindas eram tido como atávicos e joviais, por isso eram empregados mais em serviços nas casas da cidade do que no trabalho pesado dos engenhos e mineração. Hoje o nome sobrevive na agremiação camavalesca.

Pelas características de suas músicas e danças as cambindas se diferenciam entre si e não apresentam muitas semelhanças com as formas de maracatu, como nós conhecemos hoje. Nem com o Maracatu Nação (de baque virado) nem como Maracatu Rural (de orquestra). Talvez sejam sobrevivências de outro tipo de maracatu que tenha existido no Recife. É possível porém que tenham evoluído diretamente de manifestações que integraram os festejos de reis negros das festas do Rosário. Teriam assim uma origem comum com os maracatus. São questões ainda sem resposta. Aos seus integrantes interessa apenas continuar a brincadeira, como aprenderam de seus pais, passando aos filhos e netos, como fez Aprígio. E sair no Carnaval cantando pelas ruas:  
Oh! Dona Cordulina,  
Princesa rial...